Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS
Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.010

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE, COSMOVISÃO E FORMAÇÃO CRISTÃ: IMPLICAÇÕES PARA O CONTEXTO FAMILIAR

Prosperity Theology, Worldview, and Christian Formation: Implications for the Family Context

Allison Roberto Campos Mendonça[1]

RESUMO

Este artigo analisa a Teologia da Prosperidade como uma estrutura interpretativa capaz de influenciar a formação da cosmovisão cristã no contexto familiar. Parte-se da compreensão de que uma cosmovisão não se limita a um conjunto de ideias, mas organiza pressupostos, valores, expectativas e práticas por meio dos quais indivíduos e comunidades interpretam Deus, o ser humano, a bênção, o sofrimento, o trabalho e os bens materiais. A pesquisa é qualitativa, bibliográfica e de caráter analítico. O estudo dialoga com autores da área de cosmovisão cristã, educação cristã, discipulado familiar e crítica à Teologia da Prosperidade. Sustenta-se que determinadas formulações dessa teologia podem deslocar o centro da experiência cristã da confiança no Deus soberano para uma lógica religiosa de resultados, na qual fé, declarações e práticas são associadas à obtenção de saúde, sucesso e prosperidade. No ambiente familiar, tais pressupostos podem ser transmitidos não apenas pelo ensino explícito, mas também por hábitos, expectativas e critérios cotidianos de realização. Conclui-se que uma resposta formativa e eclesial precisa ultrapassar a refutação de doutrinas isoladas e favorecer uma formação cristã integral, bíblica e cristocêntrica, capaz de articular fé, sofrimento, trabalho, dinheiro, discipulado e esperança.

Palavras-chave: Teologia da Prosperidade. Cosmovisão cristã. Família. Educação cristã. Discipulado.

[1] Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Bacharel em Teologia e Pós-Graduação em Psicologia Comportamental. Professor do Ensino Superior, psicólogo clínico e pastor. ORCID: https://orcid.org/0009-0002-1234-0072. E-mail: allisonmendonca@yahoo.com.br

ABSTRACT

This article analyzes Prosperity Theology as an interpretive framework capable of influencing the formation of the Christian worldview within the family context. It assumes that a worldview is not limited to a set of ideas, but organizes assumptions, values, expectations, and practices through which individuals and communities interpret God, the human person, blessing, suffering, work, and material goods. The research is qualitative, bibliographical, and analytical. The study engages authors in Christian worldview, Christian education, family discipleship, and critical studies of Prosperity Theology. It argues that some prosperity-oriented formulations may shift the center of Christian experience from trust in the sovereign God toward a religious logic of results, in which faith, declarations, and practices are associated with obtaining health, success, and prosperity. Within the family, such assumptions may be transmitted not only through explicit teaching but also through habits, expectations, and everyday criteria of achievement. The article concludes that a formative and ecclesial response should go beyond the refutation of isolated doctrines and promote an integral, biblical, and Christ-centered Christian formation capable of integrating faith, suffering, work, money, discipleship, and hope.

Keywords: Prosperity Theology. Christian Worldview. Family. Christian Education. Discipleship.

INTRODUÇÃO

A Teologia da Prosperidade ocupa lugar relevante no debate evangélico contemporâneo porque suas formulações não dizem respeito apenas ao dinheiro ou à cura, mas alcançam a maneira como o cristão compreende Deus, a fé, a bênção, o sofrimento e a realização humana. Em diferentes contextos religiosos, promessas de prosperidade, saúde e vitória podem ser associadas à prática da fé, à confissão positiva, à contribuição financeira e ao emprego de determinados princípios espirituais. O problema não está em reconhecer que o cristão pode orar por provisão, cura ou melhores condições de vida, mas em transformar essas experiências em critérios privilegiados para avaliar a fidelidade de Deus ou a autenticidade da fé.

Paulo Romeiro observa que a Confissão Positiva desafia seus adeptos a "crer o incrível" e a "transformar a realidade visível, palpável, na realidade da fé".[2] Nessa formulação, a fé é compreendida como princípio capaz de produzir efeitos sobre a realidade, deslocando-a da esfera da confiança e da submissão a Deus para uma função instrumental. Em outra obra, ao analisar a crise doutrinária no evangelicalismo brasileiro, o autor afirma que "a crise aumenta à medida que diminui o discernimento ou há falta dele por parte de igrejas e líderes cristãos".[3] As duas observações aproximam a discussão doutrinária de uma questão formativa: como os cristãos aprendem a interpretar aquilo que lhes é apresentado como promessa, bênção e vida de fé?

A categoria de cosmovisão oferece um caminho adequado para essa investigação. Uma cosmovisão organiza pressupostos fundamentais pelos quais a realidade é percebida e

[2] ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes**: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993, p. 5.

[3] ROMEIRO, 1995, p. 7.

avaliada. Ela não permanece restrita às formulações teóricas, pois se expressa em hábitos, escolhas, prioridades, expectativas e práticas. Assim, uma proposta religiosa pode influenciar a vida dos fiéis mesmo quando seus pressupostos não são sistematicamente formulados.

Neste artigo, a Teologia da Prosperidade será analisada como uma estrutura interpretativa que, em determinadas formulações, pode funcionar como cosmovisão concorrente à compreensão bíblico-cristã da realidade. A expressão "concorrente" não significa que todos os seus elementos estejam fora do vocabulário cristão; ao contrário, sua força reside justamente em empregar categorias como fé, bênção, promessa, cura, oferta e vitória, reorganizando-as em uma lógica que pode privilegiar resultados imediatos e realização individual.

O problema que orienta a pesquisa é: de que maneira pressupostos associados à Teologia da Prosperidade podem influenciar a formação da cosmovisão cristã no ambiente familiar? O objetivo geral consiste em analisar essa influência, considerando seus desdobramentos teológicos e educativos. Especificamente, buscar-se-á apresentar o conceito de cosmovisão cristã, sintetizar elementos históricos e doutrinários da Teologia da Prosperidade, identificar deslocamentos interpretativos relacionados a Deus, fé, bênção e sofrimento e refletir sobre a responsabilidade formativa da família e da igreja.

Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, bibliográfica e de caráter analítico. O diálogo teórico reunirá autores da cosmovisão cristã, da educação cristã e do discipulado familiar, além da análise crítica de Paulo Romeiro sobre a Teologia da Prosperidade. Não se pretende descrever todas as expressões do movimento nem atribuir indistintamente essa classificação a toda pregação sobre cura, provisão ou bênção. O interesse concentra-se em pressupostos recorrentes e em seus possíveis efeitos sobre a formação da fé.

Para desenvolver essa investigação, o artigo será organizado em quatro partes. A primeira apresentará o conceito de cosmovisão cristã e sua relação com a formação da fé. A segunda examinará as matrizes históricas da Teologia da Prosperidade e os deslocamentos que podem ocorrer na compreensão de Deus, da fé, da bênção e do sofrimento. A terceira analisará o papel da família, do discipulado e das diferentes influências na formação da cosmovisão cristã. Por fim, a quarta parte abordará os princípios para uma resposta educativa e pastoral, considerando a centralidade das Escrituras e de Cristo, a formação integral, o discernimento e o cuidado com aqueles que enfrentam situações de sofrimento e dificuldade.

1. COSMOVISÃO CRISTÃ E FORMAÇÃO DA FÉ

O conceito de cosmovisão, relacionado ao termo alemão *Weltanschauung*, refere-se à estrutura de pressupostos por meio da qual a realidade é interpretada. James W. Sire compreende cosmovisão como uma orientação fundamental do coração e da mente, composta por pressupostos conscientes ou inconscientes acerca da realidade.[4] Essa compreensão é importante porque impede reduzir a cosmovisão a um sistema intelectual

[4] SIRE, James W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. Brasília: Monergismo, 2020.

abstrato. Ela participa da maneira como as pessoas vivem, julgam, desejam, decidem e atribuem sentido às experiências.

No âmbito cristão, a cosmovisão encontra sua referência na narrativa das Escrituras. Bartholomew e Goheen afirmam que há "uma única história verdadeira: a história contada na Bíblia".[5] Essa narrativa oferece uma estrutura para compreender criação, pecado, redenção e esperança. Walsh e Middleton reforçam esse caráter abrangente ao afirmar que "a cosmovisão das Escrituras não tem início com Cristo e a salvação. Ela começa com Deus e a criação".[6] Desse modo, a fé cristã não pode ser reduzida à solução de necessidades individuais, pois situa a existência humana dentro da obra criadora e redentora de Deus.

A relação entre cosmovisão e formação é igualmente importante. Domingues afirma "que os sistemas de crenças são compostos por pressupostos que sustentam o modo de ser, agir, sentir e fazer das pessoas e a maneira como elas enfrentam os desafios da vida".[7] Isso significa que o ensino cristão produz efeitos para além da aquisição de conhecimento: ele participa da formação de critérios pelos quais a realidade é interpretada.

A própria Escritura associa fé e formação cotidiana. Em Deuteronômio 6.4-9, a Palavra deve integrar conversas, rotinas e relações familiares. Efésios 6.4 atribui aos pais responsabilidade no cuidado e na instrução dos filhos. Esses textos não apresentam a formação como atividade restrita a momentos formais de ensino, mas como processo que alcança a vida ordinária.

Por isso, a análise de uma tradição teológica precisa considerar não apenas o que ela afirma formalmente, mas também que tipo de compreensão da realidade ela favorece. Uma teologia que reorganiza as relações entre Deus, fé, sofrimento e bens materiais pode, consequentemente, reorganizar também expectativas, práticas e critérios de julgamento. Essa observação prepara o caminho para examinar a Teologia da Prosperidade como estrutura interpretativa.

2. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: MATRIZES E REORGANIZAÇÕES DA FÉ

Compreendida a relação entre cosmovisão e formação da fé, é necessário examinar como determinados pressupostos teológicos podem organizar a interpretação da realidade cristã. Para isso, esta seção abordará tanto a formação histórica da Teologia da Prosperidade e da Confissão Positiva quanto suas implicações para a compreensão de Deus, da fé, da bênção e do sofrimento. O objetivo é identificar não apenas a origem dessas ideias, mas também a lógica religiosa que pode se estabelecer quando a fé passa a ser associada à obtenção de resultados concretos.

[5] BARTHOLOMEW, Craig G.; GOHEEN, Michael W. **O drama das Escrituras**: encontrando nosso lugar na história bíblica. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 28.

[6] WALSH, Brian J.; MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora**: moldando uma cosmovisão cristã. Tradução de Valdeci Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 48.

[7] DOMINGUES, Gleyds Silva. **Educação cristã**: fundamentos bíblicos, teológicos e pedagógicos. Curitiba: InterSaberes, 2020, p. 37.

2.1 Matrizes históricas e Confissão Positiva

A Teologia da Prosperidade desenvolveu-se em diálogo com correntes religiosas e metafísicas que marcaram o cenário norte-americano entre o final do século XIX e o século XX. Segundo Romeiro, entre essas influências estão o Novo Pensamento e a Ciência Cristã, ambientes nos quais ideias sobre mente, palavra, saúde e realidade adquiriram importância particular.[8]

Essek William Kenyon é frequentemente associado à formação da chamada Confissão Positiva. Romeiro a define como "a teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade" difundida por televangelistas contemporâneos sob forte influência de Kenyon.[9] Posteriormente, segundo a reconstrução apresentada por Romeiro, Kenneth E. Hagin tornou-se um dos principais divulgadores dessas ideias no movimento Palavra da Fé, popularizando ensinamentos relacionados à confissão, à cura, à prosperidade e ao direito às bênçãos.[10]

Esse percurso histórico mostra que a Teologia da Prosperidade não constitui apenas uma coleção de mensagens motivacionais. Em suas formulações mais características, ela estabelece relações entre fé, palavra, comportamento religioso e resultados concretos. Por isso, sua análise exige atenção ao modo como tais relações afetam a compreensão da vida cristã. Conhecer as matrizes históricas da Teologia da Prosperidade permite avançar para a análise de seus pressupostos centrais. Mais do que identificar suas origens, importa compreender como determinadas interpretações relacionam Deus, fé, bênção e resultados, e como essa relação pode modificar a compreensão da experiência cristã.

2.2 Deus, fé, bênção e resultados

A Teologia da Prosperidade pode ser analisada como cosmovisão quando seus pressupostos passam a organizar a interpretação de diferentes dimensões da existência. Domingues observa que "a cosmovisão atinge mente e coração, visto que ela é portadora de significados construídos sobre as questões essenciais da existência humana".[11] Walsh e Middleton acrescentam que cosmovisões são percebidas quando se encontram "materializadas, incorporadas em modos reais de vida".[12]

O ponto central, portanto, não é apenas saber se uma mensagem promete prosperidade, mas compreender como ela redefine a relação entre Deus e o ser humano. Quando a fé é apresentada como instrumento para produzir resultados e determinadas práticas são tratadas como mecanismos de acesso a bênçãos garantidas, a experiência cristã tende a ser organizada por uma lógica de causa e efeito. A confiança no caráter de Deus corre, então, o risco de ser substituída pela confiança em métodos religiosos.

Romeiro registra uma autocrítica de Benny Hinn ao ambiente da Palavra da Fé, na qual aparecem a redução da mensagem cristã à fé desvinculada da salvação e a centralidade

[8] ROMEIRO, 1993, p. 7-8.
[9] ROMEIRO, 1993, p. 5.
[10] ROMEIRO, 1993, p. 5-8.
[11] DOMINGUES, 2020, p. 21.
[12] WALSH; MIDDLETON, 2010, p. 16.

concedida ao dinheiro.[13] Ainda que se trate de um testemunho reproduzido pelo autor, a passagem ilustra um risco real: quando prosperidade e retorno material se tornam critérios dominantes, categorias centrais do evangelho podem perder proporção.

A Bíblia apresenta Deus como Criador e Senhor e o ser humano como criatura chamada à comunhão, à obediência e ao serviço. Nesse horizonte, a bênção não pode ser reduzida à prosperidade econômica, e a fé não pode ser compreendida como técnica de controle da ação divina. A oração por provisão e cura permanece legítima, mas precisa estar situada dentro da confiança no caráter de Deus e da submissão à sua vontade.

A crítica de Timothy Keller à idolatria oferece um critério útil para essa discussão: "qualquer coisa mais importante que Deus para você, que domine seu coração e sua imaginação mais do que Deus, torna-se um ídolo".[14] Assim, dinheiro, saúde e sucesso não são necessariamente maus; tornam-se teologicamente problemáticos quando assumem função última na identidade, na segurança e na esperança.

Walsh e Middleton sintetizam a distinção fundamental ao afirmar que "existem apenas duas categorias básicas: o Criador e o criado".[15] Essa distinção permite reconhecer os bens materiais como parte da criação sem transformá-los em fundamento da fé. Quando as dádivas ocupam o lugar do Doador, a vida religiosa passa a ser organizada por um deslocamento de centro.

Se a fé é interpretada principalmente em função dos resultados que produz, essa compreensão também afeta a maneira como se explicam as experiências em que a cura, a prosperidade ou a solução esperada não acontecem. Por isso, a análise precisa considerar como determinadas formulações da Teologia da Prosperidade interpretam o sofrimento e quais implicações essa interpretação pode trazer para o discipulado cristão.

2.3 Sofrimento, enfermidade e discipulado

A interpretação do sofrimento constitui um dos pontos mais sensíveis da discussão. Romeiro critica o chamado "evangelho da saúde perfeita" ao afirmar que "dizer que a enfermidade é consequência da falta de fé ou pecado na vida do crente constitui-se numa falácia bíblica".[16] A afirmação evidencia o risco de transformar a doença em acusação espiritual.

A narrativa bíblica apresenta servos fiéis enfrentando enfermidades, perseguições, perdas e limitações, como Jó, Timóteo e o próprio apóstolo Paulo (Jó 1–2; 1Tm 5.23; 2Co 12.7-10). O sofrimento não pode, portanto, ser utilizado automaticamente como evidência de incredulidade. Quando isso ocorre, a pessoa que já enfrenta dor pode receber também uma carga de culpa religiosa, como se a ausência de cura ou prosperidade revelasse necessariamente deficiência espiritual.

[13] ROMEIRO, Paulo. **Os evangélicos em crise**: decadência doutrinária na igreja brasileira. São Paulo: Mundo Cristão, 1995, p. 40.

[14] KELLER, Timothy. **Deuses falsos**: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 17.

[15] WALSH; MIDDLETON, 2010, p. 72

[16] ROMEIRO, 1993, p. 26.

As consequências alcançam também o discipulado. Se a fé é avaliada predominantemente pelos resultados obtidos, seguir a Cristo pode ser confundido com alcançar uma vida de sucesso. Entretanto, o discipulado bíblico inclui obediência, serviço, perseverança, renúncia, esperança e fidelidade em circunstâncias favoráveis ou adversas. A cruz permanece elemento central da identidade cristã e impede que a realização pessoal seja convertida em medida da espiritualidade.

3. FAMÍLIA, DISCIPULADO E FORMAÇÃO DA COSMOVISÃO

Após examinar os pressupostos da Teologia da Prosperidade, é necessário considerar como diferentes compreensões da fé são assimiladas e transmitidas no cotidiano. A família constitui um espaço importante nesse processo, mas não atua isoladamente: outras influências também participam da formação de crianças e adolescentes, e a responsabilidade dos pais precisa ser compreendida em relação ao discipulado, à ação de Deus e à atuação da igreja. Esta seção examina essas dimensões e suas implicações para a formação da cosmovisão cristã.

3.1 A família como ambiente formativo

A família participa da formação da fé antes mesmo que crianças e adolescentes consigam formular teologicamente suas crenças. Valores, hábitos, prioridades e interpretações são comunicados na convivência diária. Por isso, a educação cristã no lar não pode ser reduzida à transmissão de informações religiosas.

Domingues compreende “a educação cristã como formação humana que alcança diferentes dimensões da pessoa e deve ser orientada pela verdade revelada”.[17] Essa visão se harmoniza com Deuteronômio 6, onde o ensino da Palavra está integrado ao cotidiano da casa, e não isolado em uma atividade eventual.

Ricardo Firagi expressa essa dimensão cotidiana ao afirmar que, no ambiente familiar, os filhos “observam, ouvem, absorvem e são moldados”.[18] A formulação é relevante porque mostra que a família ensina mesmo quando não está realizando uma aula. A maneira como os pais lidam com dinheiro, trabalho, frustração, doença, consumo, conflitos e igreja comunica continuamente uma interpretação da realidade.

Firagi também destaca que “o discipulado no lar não deve ser compreendido como atividade extra, mas como parte da própria vida cristã cotidiana”.[19] Assim, ensino formal e exemplo não podem ser separados. A fé apresentada verbalmente precisa encontrar correspondência nas práticas familiares para que o processo formativo seja coerente.

O cotidiano ajuda a compreender por que a Teologia da Prosperidade pode exercer influência familiar mesmo sem ser ensinada sistematicamente. Se a família associa repetidamente sucesso à bênção, sofrimento à falta de fé e dinheiro à medida de realização,

[17] DOMINGUES, 2020, p. 7.
[18] FIRAGI, Ricardo. **Discipulado começa em casa**: um método simples para o ensino claro do Evangelho aos filhos. São Paulo: Vida, 2025, p. 67.
[19] FIRAGI, 2025, p. 67.

tais pressupostos podem ser assimilados pelos filhos como critérios normais de interpretação da vida cristã. Embora a família exerça papel importante na formação da fé, ela não é o único ambiente em que crianças e adolescentes constroem suas referências e interpretam a realidade. Outras influências culturais, sociais e religiosas também participam desse processo. Por isso, além de reconhecer a responsabilidade familiar, é necessário refletir sobre como desenvolver discernimento diante de diferentes mensagens e concepções de vida.

3.2 Influências concorrentes e discernimento

A família não é o único agente formativo. Crianças e adolescentes também são alcançados por escola, mídia, redes sociais, entretenimento, grupos de convivência e discursos religiosos. Firagi adverte que, quando os pais não assumem intencionalmente o discipulado, outras influências o farão, mencionando "a cultura, as mídias sociais, as ideologias do mundo".

O reconhecimento dessas influências não deve conduzir ao isolamento cultural, mas ao desenvolvimento de discernimento. O desafio da família cristã não consiste em impedir todo contato com perspectivas diferentes, e sim em formar critérios para avaliá-las. A própria Teologia da Prosperidade demonstra que a concorrência interpretativa pode ocorrer dentro do campo religioso, pois utiliza vocabulário bíblico ao mesmo tempo que pode reorganizar seu sentido.

Nesse contexto, a advertência de Romeiro sobre a falta de discernimento permanece pertinente.[20] Quando a formação é frágil, mensagens que oferecem respostas simples para experiências complexas encontram terreno favorável. A educação cristã precisa, portanto, ensinar a interpretar textos bíblicos em contexto, reconhecer pressupostos, comparar discursos e relacionar as partes da Escritura à sua narrativa abrangente.

O reconhecimento das diferentes influências que participam da formação dos filhos conduz a uma questão complementar: qual é a responsabilidade dos pais nesse processo e quais são os seus limites? A educação cristã exige intencionalidade, exemplo e discipulado, mas não deve ser confundida com a capacidade de controlar a fé dos filhos ou produzir sua transformação espiritual. Essa distinção permite compreender a formação familiar em articulação com a ação de Deus e com a participação da igreja.

3.3 Formação do coração, responsabilidade dos pais e ação de Deus

A responsabilidade formativa dos pais não significa controle sobre a conversão dos filhos. Romeiro reconhece que "os pais têm grande influência na formação espiritual dos filhos, mas o milagre da salvação é obra de Deus".[21] A afirmação preserva uma distinção necessária entre responsabilidade educativa e soberania divina.

Firagi, ao tratar de Ezequiel 36.26, chama a atenção para a insuficiência de uma abordagem concentrada somente no comportamento: "corrigir atitudes sem tratar o coração

[20] ROMEIRO, 1995, p. 7.
[21] ROMEIRO, 1995, p. 103.

é superficial e ineficaz".[22] No contexto deste artigo, a ideia deve ser compreendida com cuidado: pais e educadores podem ensinar, corrigir, modelar e discipular, mas a renovação espiritual do coração não é produzida por técnica educativa.

A formação cristã busca, portanto, mais do que conformidade exterior. Seu propósito é apresentar uma compreensão bíblica de Deus, da pessoa humana, da graça, do sofrimento e da esperança, favorecendo a formação de critérios que orientem escolhas e práticas. Nesse sentido, o cotidiano familiar torna-se espaço privilegiado para relacionar fé e vida.

Família e igreja exercem funções complementares. A igreja contribui por meio da pregação, do ensino, da comunhão e do cuidado pastoral; a família participa da formação por meio da convivência, do exemplo, da conversa e das decisões do dia a dia. Firagi insiste que o discipulado dos filhos não deve ser inteiramente terceirizado à igreja ou à escola.[23]

Uma resposta educativa à Teologia da Prosperidade precisa, assim, ensinar uma teologia bíblica do dinheiro, do trabalho, do sofrimento, da bênção e da esperança. Os bens materiais podem ser reconhecidos como dádivas e instrumentos de serviço; a doença pode ser enfrentada com oração e cuidado sem culpa automática; o trabalho pode ser compreendido como vocação; e a esperança cristã pode permanecer fundamentada em Cristo mesmo quando as circunstâncias não correspondem às expectativas.

4. PRINCÍPIOS PARA UMA RESPOSTA EDUCATIVA E PASTORAL

A análise desenvolvida permite identificar alguns princípios para a resposta cristã à Teologia da Prosperidade. O primeiro é a centralidade das Escrituras em sua unidade narrativa. Textos sobre bênção, cura, fé e oferta precisam ser interpretados dentro do conjunto da revelação bíblica, evitando que sejam convertidos em fórmulas de garantia.

O segundo é a centralidade de Cristo. A fé cristã não se organiza em torno da conquista de resultados, mas da pessoa e da obra de nosso Senhor e Salvador Jesus. O discipulado encontra seu modelo no seguimento de Cristo, o que inclui serviço, obediência, sofrimento, esperança e amor ao próximo.

O terceiro princípio é a integralidade. A formação cristã precisa alcançar dinheiro, consumo, trabalho, saúde, sofrimento, família e vocação. Uma igreja pode rejeitar formalmente a Teologia da Prosperidade e, ao mesmo tempo, reproduzir parte de sua lógica quando mede o sucesso espiritual por crescimento, visibilidade, riqueza ou ausência de dificuldades.

O quarto princípio é o discernimento. Crianças, adolescentes e adultos precisam aprender a examinar mensagens religiosas, identificar pressupostos e perguntar que compreensão de Deus, do ser humano e da vida está sendo comunicada. Esse exercício evita a dependência de respostas prontas e amadurece a capacidade de interpretar novos discursos.

[22] FIRAGI, 2025, p. 51.
[23] FIRAGI, 2025, p. 66-67.

O quinto é o cuidado pastoral. Pessoas que enfrentam enfermidade, desemprego, luto ou crise financeira não devem ser tratadas como espiritualmente inferiores. A comunidade cristã precisa oferecer acolhimento, oração, solidariedade, orientação e esperança, evitando promessas que as Escrituras não autorizam garantir.

Tomados em conjunto, esses princípios deslocam a resposta da simples polêmica para o campo da formação. O objetivo não consiste em restringir a formação cristã à crítica de movimentos religiosos, mas em desenvolver discípulos capazes de reconhecer o senhorio de Cristo sobre toda a existência e interpretar a realidade com maturidade, responsabilidade e esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou a Teologia da Prosperidade como uma estrutura interpretativa capaz de influenciar a formação da cosmovisão cristã no contexto familiar. A análise indicou que suas implicações ultrapassam afirmações isoladas sobre riqueza ou cura, alcançando a compreensão de Deus, da fé, da bênção, do sofrimento e do discipulado.

Quando a experiência religiosa é organizada por uma lógica de resultados, a fé pode assumir caráter instrumental e os bens criados podem adquirir função desproporcional na identidade e na esperança. Essa reorganização torna-se particularmente relevante no ambiente familiar, onde crenças são comunicadas não apenas por palavras, mas também por práticas, expectativas e prioridades.

A contribuição dos autores da cosmovisão cristã permite compreender que interpretações religiosas se materializam em modos de vida. As reflexões sobre educação cristã e discipulado familiar mostram, por sua vez, que a formação da fé exige intencionalidade, exemplo, diálogo e coerência entre ensino e prática. Firagi reforça esse ponto ao destacar o lar como ambiente no qual os filhos observam e são moldados, enquanto Romeiro evidencia a necessidade de discernimento diante de propostas doutrinárias que associam fé a resultados garantidos.

O enfrentamento da Teologia da Prosperidade, portanto, não deve restringir-se à refutação de seus excessos. Uma resposta mais consistente requer formação cristã integral, bíblica e cristocêntrica. Família e igreja precisam ensinar a receber os bens materiais com gratidão sem transformá-los em medida da fidelidade divina, a enfrentar o sofrimento sem culpabilização automática e a reconhecer que a esperança cristã permanece em Cristo mesmo quando a vida não corresponde às expectativas de prosperidade.

Assim, a formação da cosmovisão cristã no contexto familiar constitui uma tarefa educativa e eclesial que envolve conhecimento bíblico, discernimento, testemunho e prática. Ao integrar essas dimensões, a comunidade cristã pode contribuir para que novas gerações interpretem fé, trabalho, dinheiro, sofrimento e esperança dentro da totalidade da narrativa bíblica.

REFERÊNCIAS

BARTHOLOMEW, Craig G.; GOHEEN, Michael W. **O drama das Escrituras**: encontrando nosso lugar na história bíblica. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2016.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Educação cristã**: fundamentos bíblicos, teológicos e pedagógicos. Curitiba: InterSaberes, 2020.

FIRAGI, Ricardo. **Discipulado começa em casa**: um método simples para o ensino claro do Evangelho aos filhos. São Paulo: Vida, 2025. E-book.

KELLER, Timothy. **Deuses falsos**: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa. São Paulo: Vida Nova, 2018.

ROMEIRO, Paulo. **Os evangélicos em crise**: decadência doutrinária na igreja brasileira. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes**: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

SIRE, James W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. Brasília: Monergismo, 2020.

WALSH, Brian J.; MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora**: moldando uma cosmovisão cristã. Tradução de Valdeci Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. E-book.